

UNIVERSO IMAGINÁRIO: O PROCESSO CRIATIVO

Maria Virgínia Gordilho Martins

A opção por pesquisar materiais com fibras, pigmentos e corantes naturais levou à constatação de que a técnica escolhida e a Estética pesquisada eram inseparáveis. A TERRA foi escolhida como elemento catalizador da técnica e do tema, direcionando o Processo Criativo.

Acredito que toda sensação de se tornar e agir como xamã* está essencialmente inserida no processo da criação artística. Como registrei no universo TÉCNICO PESQUISADO, as pinturas rupestres da era glacial, tais como as de Lascaux, na França, já incluíam pinturas que podemos interpretar como xamanistas. Tais representações pictóricas refletem o universo imaginário, repleto de símbolos, verdadeiros códigos daquela época, que nos proporcionam as mais variadas “leituras” de suas “linguagens”.

Concordo com Pierre Francastel, quando ele diz: *“A linguagem verbal não pode atingir o que a linguagem visual traduz por ela mesma”* (Francastel, 1982), uma vez que trabalhar conjuntamente o processo de racionalização científica e a livre expressão de CRIAR-ARTE é para mim, uma tarefa complexa, porém necessária, por acreditar que, nesta simbiose, está a essência do Mestrado em Artes.

O Universo Imaginário criado envolve a pesquisa e expressão artística, abrangendo também soluções composicionais, expressividade e interpretação da obras criadas.

Quando optei pela pesquisa matéria com fibras, pigmentos e corantes naturais, constatei que os conceitos da TÉCNICA escolhida e da ESTÉTICA pesquisada eram inseparáveis, e percebi que, a medida que se estabelecia o “diálogo” com a matéria, fluíam soluções imprevisíveis. Aos poucos, fui me tornando uma “operária da Arte” e, em consequência, se fez necessário o

domínio pleno do ofício. Surgiu o primeiro questionamento: poderia me considerar durante este processo criativo, uma xamã? Encontrei em Goethe, uma possível resposta:

Em relação a todos de iniciativa e criação existe uma verdade elementar: no momento em que nos comprometemos, a providência divina também se põe em movimento.

Todo um fluir de acontecimentos surge a nosso favor, como resultado da decisão, seguem todas as formas imprevisas de coincidência, encontros e ajuda, que nenhum ser humano jamais poderia fazer ou sonhar, você pode começar. A coragem contém, em si o poder, o gênio e a magia. (Goethe, passagem retirada do catálogo da peça teatral Merlin).

O QUESTIONAMENTO, A INDAGAÇÃO e a COMPREENSÃO da pesquisa foram as diretrizes do PROCESSO CRIATIVO. Com o exercício diário da arte, leituras, reflexões, pesquisas, entrevistas, formulei inúmeras perguntas e busquei possíveis respostas plásticas. Segundo o poeta e dramaturgo Ferreira Gullar, Arte é e sempre foi impasse e indagação. O impasse é fonte de criação.

Escolhi, assim a TERRA como elemento catalisador da Técnica e do Tema. Pesquisando a Terra, catalogada no UNIVERSO TÉCNICO, descobri pigmentos e corantes, os quais transformei em tintas e tinturas e, com o olhar atento percebi a criação do homem, no seu estado mais “primitivo”, em perfeita harmonia com a natureza, a qual chamei de AMBIENTE INTEIRO.

Novos questionamentos... Contrastes: PRIMITIVO X CONTEMPORÂNEO / NATURAL X SINTÉTICO / LÚDICO X REAL / LUZ X TREVA / ORDEM X DESORDEM.

Diante destas ambigüidades, debruçei-me no social, busquei as nossas raízes, o mais “primitivo” de nós mesmos, o índio de sempre; porque não me parece que o meu trabalho apenas regionalize os nossos ancestrais, sua regionalização é paradoxalmente universal, porque refere-se a um povo de todas as terras e de todos os tempos.

Mergulhei, então na memória de nossa gente, nos valores étnicos e estéticos suscetíveis de gerar um entendimento mais universal na relação

HOMEM-ARTE-NATUREZA, na história dos símbolos e mitos não racionais e de culturas antigas, objetivando, também, o fortalecimento de novas identidades culturais e artísticas.

Com base nessas reflexões, investiguei as possibilidades desse campo preceptivo, novas imagens que possibilitassem buscas para um novo tempo, tendo como meta, fugir do ilustrativo, do óbvio, do decorativo, descobrir linguagens simbólicas e transformá-las em SIGNOS particulares e individuais, com ganho de um significado maior na reflexão.

Assim, em paralelo com as leituras, brotavam os croquis, idéias, pinceladas irrigadas do mito, do ritmo, da paixão, que fazem parte da essência da vida humana. Mais estudos, escolha das fibras naturais que aos poucos deixaram de ser recursos visuais e passaram a integrar-se à obra, gerando possibilidades ao “tudo”: **A MINHA TÉCNICA TORNOU-SE TAMBÉM A MINHA ARTE.**

Poderá assim, a Arte constituir-se em instrumento do SONHO e da RAZÃO? Segundo Ernst Fischer, numa sociedade em decadência, a arte para ser verdadeira precisa refletir também a decadência, a não ser que ela queira ser infiel a sua função social. (Fischer, 1987). Interpretando este pensamento de Fischer, busquei também o espiritual, através da utilização do símbolo, como artifício para realizar uma abstração.

Mas, no meio de tudo isso, permanece como disse Klee, a força criadora que escapa a qualquer denominação e continua, em última análise, um mistério indizível. A sensibilidade, pois, comandou a escolha das composições harmônicas para melhor exprimir o equilíbrio do pensamento; na relação entre as necessidades do espírito e as necessidades da organização da superfície, escolhi as técnicas adequadas para que possibilitassem a expressão mais válida. O que importa, para mim, é a emoção emanada do visível universal, a interação do ato de criar plasticamente com o uso da palavra e da argumentação, ampliando a atividade intelectual na relação EMOÇÃO / RAZÃO, fascinante e perturbadora a um só tempo.

Procurei, em todo o processo artístico, expressar-me para além da linguagem plástica, valores e sensações ancestrais, com possibilidades de (re)leituras silenciosas, buscando para isso, a todo momento ultrapassar o gesto, a textura, a cor, o objeto e a transparência.

Segundo o arquiteto o professor Isaías Santos Neto, “A capacidade de representação com a existência do tempo significa a redução da relação SUJEITO/

MEIO à linguagem, isto é, a SÍMBOLOS”. E completando com Calabrese: “...é através dos símbolos que o homem é capaz não só de reagir a estímulos externos, como os animais, mas sobretudo de criar elementos intermédios sobre que basear a atividade do pensamento. Linguagem, mito, arte e ciência são os universos do simbólico”. (SANTOS NETO, passagem retirada do texto *Conhecimento, Cultura, Comunicação*)

Assim, neste momento, fico com Joseph Campbell:

Os mensageiros animais, enviados pelo Poder Invisível, já não servem mais, como nos tempos primevos, para ensinar e guiar a humanidade. Ursos, leões, elefantes, cabritos e gazelas estão nas jaulas dos nossos zoológicos. O Homem não é mais o recém chegado a um mundo de planícies e florestas inexploradas, e nossos vizinhos mais próximos não são as bestas selvagens, mas outros seres humanos, lutando por bens e espaço, num planeta que gira sem cessar ao redor da bola de fogo de uma estrela. Nem em corpo nem em alma habitamos o mundo daquelas raças caçadoras do milênio paleolítico a cujas vidas e caminhos de vida, no entanto, devemos a própria forma dos nossos corpos e a estruturas das nossas mentes. Lembranças de suas mensagens animais devem estar adormecidas, de um modo, em nós, pois ameaçam despertar e se agitam quando nos aventuramos em regiões inexploradas. Elas despertam, com uma sensação de reconhecimento, quando entramos numa daquelas grandes cavernas pintadas. Qualquer que tenha sido a escuridão em que os xamãs daquelas cavernas mergulharam em seus tranSES, algo semelhante deve estar adormecido em nós e nos visita à noite, no sono. (CAMPBELL, 1990: 73)

* O xamã é considerado, entre muitos povos naturais, um artista em atividade – cantor, dançarino ou ensaiador. Desempenha, também, funções de religioso, mágico e médico, sendo, portanto, simultaneamente, sacerdote, curandeiro e artista, funções e habilidades que, na contemporaneidade, se divorciam umas das outras.

BIBLIOGRAFIA

- ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. Tradução de Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: EDUSP, 1980.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito com Bill Moyers*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- HOGG, J. et al. *Psicología y artes visuales*. Tradução de Justo G. Bermendi. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- SERRA, José Trindade. *O simbolismo da Cultura*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA., 1991.

Dados da Autora

. Maria Virgínia Gordilho Martins - Artista Plástica, Prof.^a Mestra da EBA/UFBA
Membro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas - ANPAP
Orientadora - Prof.^a Dr.^a Maria Celeste de Almeida Wanner